

SUSTENTABILIDADE NA PERSPECTIVA DO PVO SATERÉ

Clarinda Maria Ramos¹

RESUMO

Este artigo discute a sustentabilidade na perspectiva do povo Sateré-Mawé, destacando as concepções, conhecimentos e tecnologias próprias como fundamentos para práticas sustentáveis. A partir de uma abordagem que integra os conhecimentos e as relações cotidianas com tudo o que está em torno, busca-se compreender como a relação dos Sateré-Mawé com a floresta, terra, rios, animais e os “seres invisíveis” que habitam nos domínios da terra, no domínio da floresta e no domínio da água se complementam em um modo de vida baseado na reciprocidade, na ética do cuidado.

Palavras-chave: Sateré-Mawé. Conhecimentos. Reciprocidade.

INTRODUÇÃO

Os Sateré-Mawé vivem principalmente na região do médio rio Amazonas. A maior parte da população está concentrada em terras indígenas oficialmente demarcadas e homologadas em 6 de agosto de 1986, que tiveram seu processo de demarcação iniciado em 1978, após reivindicações e pressão intensa dos Sateré-Mawé junto à Fundação Nacional do Índio (Funai), sendo vítimas de invasões de empresas madeireiras, petrolíferas e fazendeiros.

O território está situado nas margens dos rios Andirá e Marau, afluentes do rio Madeira e do rio Amazonas, e é caracterizado por uma rica biodiversidade e vastas áreas de floresta. A região é de difícil acesso, e os deslocamentos geralmente são feitos por via fluvial.

Além do território Andirá-Marau, há também Sateré-Mawé vivendo em áreas urbanas, especialmente em Manaus, para fins de estudo, trabalho ou luta por direitos, mas muitos mantêm vínculos com sua comunidade de origem.

¹ Indígena do povo Sateré-Mawé. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA (2017); mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM (2021) e doutorando em andamento na mesma área e instituição. Pesquisadora do Núcleo MARACA (até 2021); membro-pesquisadora do Núcleo de Estudo da Amazônia Indígena – NEAI; chef da casa de comida indígena Biatuwi. Coautora do artigo: “Indigenizing Conservation Science for a Sustainable Amazon”, publicado na revista *Science* (dez. 2024). É professora indígena, atuando sobretudo nos temas de Antropologia, Comida Indígena e Musicalidade Indígena. E-mail: clarindaramosuea@gmail.com.

Com a demarcação da terra, houve uma mudança significativa na proteção territorial. A partir desse marco legal, a presença de empresas madeireiras na região foi proibida, o que garantiu maior autonomia e segurança para as comunidades indígenas no exercício de suas práticas culturais e no cuidado com os ecossistemas locais. A retirada das madeireiras representou um avanço na preservação ambiental e no fortalecimento da soberania dos Sateré-Mawé sobre seu território.

A sedução exercida pelas promessas imediatistas de lucro com a exploração indiscriminada da madeira, muitas vezes impulsionada por pressões externas e interesses econômicos, cedeu espaço a um processo coletivo de conscientização. Reacendeu-se entre os Sateré-Mawé a percepção profunda do valor do território, compreendido não apenas como espaço físico, mas como um organismo vivo e interdependente.

Esse retorno à consciência sobre a importância da floresta e de tudo o que nela existe — plantas, animais, rios e memórias — fortaleceu os vínculos com os saberes e conhecimentos, impulsionando práticas sustentáveis de manejo e convivência com a natureza e com os seres que nelas habitam, baseadas em relações de reciprocidade e respeito mútuo.

A retirada das madeireiras não foi apenas um ato de proteção ambiental, mas um gesto de retomada do próprio modo de vida Sateré-Mawé, em que o território é fonte de vida, de saber e de futuro.

TERRITÓRIO COMO CASA DE MUITOS SERES

Para os Sateré-Mawé, o território é um espaço habitado por muitos seres visíveis e invisíveis, que coexistem com os humanos em sistemas interdependentes, além das coisas que são chamadas de floresta, terra, água, animais e plantas. Os “seres invisíveis” que habitam nos domínios da terra, no domínio da floresta e no domínio da água são responsáveis por cuidar de tudo o que existe. Assim como nós, humanos, cuidamos da nossa casa, dos nossos animais e dos nossos roçados, eles cuidam das coisas.

A coexistência e a convivência são baseadas na reciprocidade, na troca e na ética do cuidado mútuo, e a violação dessas relações de reciprocidade pode provocar desequilíbrios que se manifestam como doenças, escassez, intensos temporais, enchentes excessivas de rios e conflitos.

O território, portanto, não é apenas um espaço físico ou geográfico, mas um espaço vivo de coexistência e convivência, onde humanos e seres invisíveis compartilham e convivem numa rede de relações baseadas em reciprocidade, respeito e cuidado mútuo. Em outros termos, o território é uma casa cosmopolítica, na medida em que é habitado por humanos e

pelos seres invisíveis que cuidam de tudo. Os seres invisíveis observam, interagem, ensinam e, quando desrespeitados e quando retiramos as coisas que estão sob seus cuidados sem licença, eles reagem e atacam.

Por outro lado, a floresta, a terra, os rios, os animais e as plantas possuem suas agencialidades próprias, suas defesas. Assim, tudo o que existe não são recursos para serem explorados, mas um ente com capacidade de reagir e se proteger. Essa dimensão é muito difícil de entender pelas pessoas que não são familiarizados com esse modelo epistemológico.

Os Sateré-Mawé consideram e reconhecem que o equilíbrio do território e do mundo terrestre depende da manutenção dessa rede de relações cosmopolita. Romper esse pacto relacional significa gerar desequilíbrios ambientais com consequências graves, seja pela infestação de doenças, escassez dos recursos ou manifestação de eventos naturais devastadores.

A sustentabilidade do meio ambiente tem sido amplamente debatida em diferentes contextos acadêmicos, nos meios empresarial e político, frequentemente associada à busca do equilíbrio entre desenvolvimento econômico e preservação ambiental.

No entanto, para povos indígenas como os Sateré-Mawé, essa noção está enraizada em uma concepção e em práticas próprias que envolvem relações de reciprocidade, respeito e interdependência com todos os “seres invisíveis” que habitam os domínios da terra, o domínio da floresta e o domínio da água, que são responsáveis por cuidar das coisas que existem no território, isto é, aquilo que é chamado de floresta, terra (minerais), água, animais e plantas.

MANEJO DO TEMPO E SUSTENTABILIDADE COMO ÉTICA RELACIONAL

Os Sateré-Mawé articulam seu modo de vida a partir do domínio dos ciclos naturais: o tempo de plantar, o tempo de colher e o tempo de descansar a terra. A fartura é celebrada em festas nas transições das constelações, momentos e que ocorrem trocas simbólicas entre humanos e seres invisíveis.

A ética do cuidado e da reciprocidade sustenta relações sociais e relações cosmológicas na concepção dos Sateré-Mawé. Desrespeitar os seres invisíveis que habitam a floresta, a terra, os rios e caçar sem necessidade ou poluir os rios é romper o pacto de convivência e colocar a comunidade em risco.

O manejo do guaraná (waraná) é um exemplo notável de como a sustentabilidade está enraizada na concepção Sateré-Mawé. De acordo com a história, o guaraná originou-se dos olhos de uma criança, filho de gente-cobra, carregando consigo uma dimensão profundamente humana e cultural (Uggé, s. d.). O seu cultivo obedece aos ciclos naturais e envolve o diálogo com os donos da planta guaraná antes do plantio, diálogo com a terra para que seja fértil, manejo florestal e colheita manual.

Essas técnicas são transmitidas oralmente entre gerações e representam não apenas um saber de plantar e colher, mas uma forma de vida. O guaraná está inserido em um sistema de conhecimento que articula sustentabilidade, memória e economia, demonstrando como os Sateré vivem e atualizam seus conhecimentos e suas concepções. O guaraná é uma das bebidas que dialogam com o saber indígena, está presente em todas as práticas sociais realizadas pelos Sateré-Mawé. É a fonte do conhecimento e da inteligência. É a coexistência e convivência com a própria natureza.

O guaraná representa não apenas um alimento, mas também um símbolo que integra os aspectos cosmopolitas e sociais, econômicos e culturais da vida Sateré-Mawé. Portanto, é uma expressão viva do sistema de conhecimento indígena e da ética do cuidado com a floresta, com a terra, com a água, animais e plantas.

Cuidar da terra, da floresta e dos rios é também cuidar da própria comunidade. Tudo o que existe no território possui seu dono, seu guardião. Respeitar esses guardiões é manter o equilíbrio do meio ambiente. A ruptura dessa ética como a caça excessiva, o desmatamento desnecessário ou a poluição dos rios é uma violação que coloca todos em risco.

A sustentabilidade, assim, não se restringe a uma prática ecológica, mas é um princípio que orienta o ritmo da vida. Respeitar os ciclos é garantir o equilíbrio e a continuidade da existência.

SABERES FEMININOS, OS CANTOS E SUSTENTABILIDADE

Os cantos desempenham papel central na relação com os seres invisíveis, com a floresta, com a terra, com os rios, com os animais e com as plantas. As mulheres Sateré-Mawé utilizam os cantos como forma de comunicação com os seres invisíveis, com os animais e com as plantas. Cantando, elas plantam seus roçados; cantando, nutrem a terra. Ouvindo os cantos dos pássaros, interpretam o que pode acontecer de ruim ou de bom.

O canto do bem-te-vi, por exemplo, sinaliza coisa boa, sinal de alegria, sinal de bem-estar entre todos.

Um dia, vários pássaros bem-te-vis amanheceram cantando de modo bastante sincronizado, diferentemente de outros dias, destacando-se entre os cantos de outros pássaros. Ao ouvir o canto sincronizado, perguntei à dona Angelina. Ela respondeu que o bem-te-vi tinha seu responsável que cuidava deles. Eles cantavam para agradecer seus feitos em prol deles. Também era sinal de que a comunidade estava bem, que ninguém estaria doente ou triste. Era sinal de que tudo estava em paz.

A interlocutora disse ainda que o pássaro bem-te-vi, em algumas ocasiões, cantava como forma de avisar as pessoas sobre alguma anormalidade que estava por acontecer com alguém ou com a comunidade. Mas era preciso saber interpretar o canto (Ramos, 2021, p. 118).

Os cantos e a dança da tucandeira, entoados durante a prática social de inserção dos “adolescentes” na vida adulta, transmitem saberes, conhecimentos, resistência e identidade coletiva. Os cantos têm função educativa e função de comunicação. Cantar é, para os Sateré-Mawé, uma forma de educar, cuidar, comunicar e organizar o mundo para garantir o equilíbrio.

As mulheres, em especial, desempenham um papel fundamental ao cantar para as plantações, para as crianças e ao ouvir o canto dos pássaros. Seus cantos nutrem não apenas o solo, mas também a memória e a fertilidade do território. As crianças participam e aprendem, tornando-se as futuras guardiãs dos cantos e dos saberes.

Cantar é sustentar a vida, invocar proteção, afastar doenças e fortalecer a comunidade. Cantar é cuidar do território, comunicar com seres invisíveis e comunicar com os animais (pássaros) e as plantas para garantir que a vida continue em seus múltiplos fluxos. A noção de sustentabilidade, nesse sentido, é inseparável da musicalidade. Cada canto é uma forma de comunicação, como destaca Ramos (2021), em sua dissertação de mestrado:

Segundo Angelina, cantar durante o trabalho no roçado era o modo de aproximar-se dos bichos e contar com ajuda destes. Por exemplo, quando estão na roça e escuta os tucanos cantarem, elas começam a imitar. A imitação, segundo a Angelina, é uma forma de comunicação com eles. Dessa forma, quanto mais imitam o canto, elas parecem ficar mais próximas dos pássaros, no sentido de contar com sua proteção enquanto estão sozinhas no roçado.

Os cantos dos pássaros para nós Sateré-Mawé é importante, pois através do seu canto pode estar dando informações tristes ou alegres, um aviso de fato inesperado que está por acontecer com pessoa conhecida ou com a própria família (*ibid.*, p. 113).

Ramos (2021) também fala da forma de comunicação com a floresta, isto é,

Além disso, minha mãe contava que o ronco das árvores produzido pelos seus movimentos, ao serem atingidas pelos ventos, eram cantos da floresta. E o barulho dos galhos da árvore provocado pela fricção era o grito da mulher que morrera com o braço preso no buraco do tronco da árvore deixado pelo marido traído, como armadilha. Semelhantes histórias eram contadas pelos mais velhos, inclusive pelos meus avós e meus pais (p. 29).

Cantar, plantar, partilhar, respeitar o tempo, cuidar da terra — essas são as formas de garantir a continuidade da vida com dignidade e equilíbrio. A sustentabilidade, para os Sateré-Mawé, depende da rede de relações que mantemos entre humanos, os seres invisíveis, os animais e as plantas.

Outro princípio de sustentabilidade para os Sateré-Mawé é a vida coletiva. A terra é coletiva, o alimento é compartilhado e o trabalho é feito em mutirão. O bem-estar da comunidade está acima da acumulação individual. Esse modo de vida contrapõe-se ao modelo ocidental, baseado na lógica individualista e na exploração da natureza.

O espírito de coletividade garante que as decisões sobre o uso dos “recursos naturais” que existem no território levem em consideração o bem comum e garantias às futuras gerações. A partilha é uma prática de equilíbrio e continuidade que assegura o respeito mútuo, reforçando os laços comunitários e o uso de tecnologias que não causem danos no território.

Considerar que o território é habitado por humanos e por seres invisíveis não é uma concepção apenas dos Sateré-Mawé. Essa concepção atravessa os povos indígenas da Amazônia, onde o território não é apenas um “ambiente”, mas um espaço vivente, povoado por seres invisíveis e pela floresta, pela terra, por animais e plantas com agência própria. Isso reforça o entendimento de que o conhecimento indígena é plural e, ao mesmo tempo, entrelaçado por princípios semelhantes de convivência com os outros, sejam seres visíveis ou invisíveis, que habitam a floresta, a terra e a água.

Davi Kopenawa, por exemplo, fala no seu livro *A queda do céu* que existem os seres *xapiri* que habitam os domínios da floresta e

São os donos da floresta e dos cursos da água. Parecem com humanos, têm mulheres e filhos, mas vivem no fundo dos rios, onde são multidões. São mesmos excelentes caçadores! Percorrem sem trégua seus caminhos na floresta, flechando araras tucanos, papagaios, pássaros *hëima si* e todos os outros tipos de caça (Kopenawa; Albert, 2015, pp.101-102).

No livro de Kopenawa, vemos uma descrição sobre os seres que habitam os rios e as florestas: eles são como humanos — têm famílias, caçam, se organizam —, mas vivem em domínios invisíveis ou subterrâneos.

Nessa mesma linha de tradução, Bruce Albert apresenta:

Os espíritos *xapiri pë* vivem no alto das montanhas. Alguns vivem dentro delas. Há *xapiri pë* por todo lado na floresta. Outros moram no céu. Outros, ainda, vivem debaixo da terra. São muito numerosos, por isso é que seus caminhos se ramificam em todas as direções. Eles brilham com intensidade e são cobertos por plúmulas de um branco ofuscante. São tão tênuas quanto os fios das teias das grandes aranhas *warea koxi pë* (Kopenawa; Albert, 2023, p. 101).

A descrição dos *xapiri pë* — espíritos que brilham, vivem em diferentes camadas do mundo (montanhas, céu, subterrâneo) e que se movem por caminhos que se ramificam — sugere uma relação dinâmica e interconectada. Esses espíritos não apenas existem, mas são ativos, presentes, numerosos e fundamentais para o equilíbrio do mundo Yanomami. Sua leveza (“tênuas quanto fios de teias”) e luminosidade simbolizam um tipo de potência util, mas essencial.

Tanto os donos dos rios quanto os *xapiri pë* são dotados de agência: caçam, se deslocam, brilham, constroem relações. Isso evidencia um traço central da cosmologia ameríndia: a noção de que muitos seres compartilham a condição de “pessoa”, ainda que sob formas corporais diferentes.

Outro autor, o indígena pesquisador antropólogo Barreto (2012), da etnia Tukano, destaca em sua dissertação de mestrado que, na concepção dos Yepamahsã (Tukano), todos os espaços, isto é, os “ambientes” são habitados por seres chamados na sua língua de *waimahsã*. Diz ele,

Vale adiantar aqui que qualquer espaço é domínio de *wai-mahsa*, eles são suas residências (*bahsakawi*), e todos os seres, animais, vegetais e minerais aí presentes são de sua responsabilidade e proteção. O acesso a esses espaços (e seus “recursos naturais”) exige, obrigatoriamente, uma submissão a uma série de práticas, comportamentos, etiquetas ou boas maneiras orientadas por um especialista (*yai, kumu* ou *baya*), que detém a capacidade de estabelecer uma comunicação com os *wai-mahsã*. Essa capacidade se traduz nos domínios dos *kihti* e nas concepções e práticas de *bahsesse, ukusse* e *bahsamori* (p. 44).

Essa citação oferece uma riquíssima base para uma reflexão sobre a noção de território na perspectiva indígena. A concepção Tukano de que todos os espaços são habitados por seres *waimahsã* e que os “ambientes” são suas “residências” revela que os territórios são constituídos de moradias de humanos e seres invisíveis. E a noção de que a floresta, a terra, a

água, os animais e as plantas possuem agencialidade contrasta fortemente com a visão ocidental moderna, que muitas vezes entende a natureza como um “recurso” a ser explorado.

Essa visão nos alerta para que tenhamos uma ética de cuidado profundo com o meio ambiente, não por imposições legais ou interesses econômicos, mas por um entendimento relacional, respeitoso e coletivo do mundo.

O acesso aos ambientes e seus “recursos naturais”, nas concepções indígenas, exige submissão a práticas específicas, sobretudo a mediação de especialistas (pajés) e respeito aos ambientes que são casas dos seres invisíveis. Isso estabelece uma forma tradicional de governança socioambiental, baseada na coexistência e convivência. Essa lógica é altamente sustentável, pois essa postulação restringe o uso indiscriminado dos recursos, impõe limites claros e reforça a responsabilidade coletiva pelo equilíbrio ecológico.

Outro ponto importante é que essa concepção indígena rompe com as dicotomias ocidentais entre natureza e cultura, humano e animal, visível e invisível. Aqui, a floresta é percebida como um espaço de coexistência e de convivência entre múltiplos seres e mundos.

Em tempos de destruição ambiental, as concepções indígenas apresentam que a verdadeira sustentabilidade não se mede em números ou metas de carbono, mas na qualidade das relações entre os seres. É preciso, como eles, escutar os cantos — dos pássaros, da floresta, das mulheres, dos rios — e aprender com eles a viver com leveza, reciprocidade e respeito.

A sustentabilidade, portanto, não se refere a um equilíbrio econômico e ecológico nos moldes ocidentais, mas a um modo de vida relacional, ético e de reciprocidade profundamente conectado com todos os seres que habitam a floresta, a terra e os rios.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, J. P. L. *Waimahsā: peixes e humanos*. Manaus: EDUA, 2018. Coleção Reflexividades Indígenas.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami*. Trad. de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- _____: _____. *O espírito da floresta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- RAMOS, C. M. *Cantos e danças: uma antropologia da musicalidade Sateré-Mawé*. Manaus: Valer, 2021.
- UGGÉ, Pe. H. *As bonitas histórias Sateré-Mawé*. S. l., s. n., s. d.